

01/06/2012

Mundo tem 20,9 milhões de vítimas de trabalho forçado, diz OIT

Leonardo Sakamoto



Relatório divulgado nesta sexta (1º), pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), aponta que 20,9 milhões de pessoas são vítimas de trabalho forçado em todo o mundo, sujeitas a emprego impostos através de coação ou de fraude, dos quais elas não podem sair. Do total, 11,4 milhões são mulheres e meninas e 9,5 milhões são homens e meninos. Cerca de 5,5 milhões possuem menos de 18 anos;

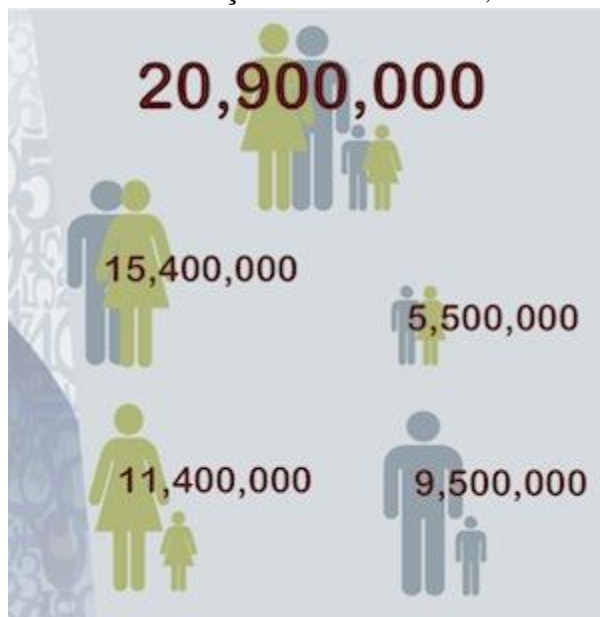
A organização, ligada às Nações Unidas, não divulga o cálculo por país, mas por macrorregiões. A margem de erro é de 7%, ou seja, a estimativa – considerada conservadora por seus realizadores – vai de 19,5 milhões a 22,3 milhões. Alguns dados do estudo:

- Do total, 18,7 milhões (90%) são explorados no setor privado. Destes, 4,5 milhões (22%) são vítimas de exploração sexual forçada e 14,2 milhões (68%) de exploração do trabalho forçado em atividades econômicas, como agricultura, construção civil, trabalho doméstico ou industrial;

- Outros 2,2 milhões (10%) estão sujeitos a formas de trabalho forçado impostas pelo Estado, como o que ocorre em algumas prisões ou em forças armadas rebeldes ou exércitos nacionais;

- A incidência por mil habitantes é maior na Europa Central, no Leste Europeu e na região da Comunidade de Estados Independentes (ex-União Soviética), com 4,2 casos/mil habitantes e na África, com 4/mil. É mais baixa nos países com economias desenvolvidas e na União Europeia (1,5/mil);

- Em termos absolutos, a região da Ásia e Pacífico apresenta o número mais alto de trabalhadores forçados no mundo: 11,7 milhões (56% do total). O segundo maior



número é registrado na África, com 3,7 milhões (18%), seguido pela América Latina, com 1,8 milhão de vítimas (9%). Nas economias desenvolvidas e na União Europeia existem 1,5 milhão (7%) de trabalhadores forçados, enquanto que nos países da Europa Central e Leste Europeu e na Comunidade de Estados Independentes são registrados 1,6 milhão (7%) de pessoas. No Oriente Médio, o número de vítimas é estimado em 600.000 (3%);

- Há 9,1 milhões de vítimas (44%) que se deslocaram, seja dentro de seus países ou para o exterior. A maioria,

11,8 milhões (56%), está submetida a trabalho forçado em seus países de origem ou residência. Os deslocamentos entre fronteiras estão estreitamente vinculados com a exploração para fins sexuais.

Em nota divulgada pela OIT, a diretora do Programa Especial de Ação para Combater o Trabalho Forçado, Beate Andrees, afirma que “tivemos progresso ao assegurar que a maioria dos países tenha uma legislação que penalize o trabalho forçado, o tráfico de seres humanos e as práticas análogas à escravidão”. Contudo, segundo ela, “ainda é complicado ter êxito em processos judiciais contra indivíduos que causam tal sofrimento a tantas pessoas”.

Para ilustrar, no Brasil, há cerca de quatro dezenas de casos que resultaram em condenações criminais por conta de trabalho escravo contemporâneo em um universo de mais de 3 mil fazendas fiscalizadas por denúncias relativas a esse crime e 42 mil trabalhadores libertados desde 1995. Não há informação de empregador que tenha cumprido pena na cadeia após sentença transitada em julgado.

De acordo com a OIT, a metodologia utilizada pela instituição, em 2005, para estimar que o mundo tinha, ao menos, 12,3 milhões de pessoas submetidas ao trabalho forçado foi revista e melhorada. O dado anterior, por exemplo, tinha margem de erro de 20%, em comparação aos 7% da estimativa divulgada hoje. Por isso, não é possível afirmar que o número de escravos aumentou.

“Produzimos estas novas estatísticas em nível regional e mundial utilizando uma grande variedade de fontes secundárias, complementadas pelos resultados de nossos estudos nacionais realizados em colaboração com contrapartes locais, o que nos permite extrapolar dados provenientes de meios de comunicação ou de outras fontes indiretas. No entanto, ainda estamos longe de uma situação ideal na qual os países possam realizar suas próprias medições. A OIT poderá apoiar o fortalecimento das capacidades necessárias para cumprir esta difícil tarefa”, afirma Andrees.

Em 2001, a Comissão Pastoral da Terra, organização ligada à Igreja Católica e uma das mais importantes no combate ao trabalho escravo no país, propôs 25 mil como o número mínimo de trabalhadores rurais que, anualmente, eram submetidos à escravidão na Amazônia brasileira. Essa estimativa resultava de interações entre os números anuais de pessoas encontradas pela fiscalização, a observação do fluxo de trabalhadores migrantes e a uma análise da instituição de que para cada pessoa libertada outras três continuariam em cativeiro. A preocupação da CPT foi de alertar a sociedade com um número que sinalizasse a relevância numérica do problema sem cair num exagero insustentável cientificamente.

Na falta de outra, a estimativa foi aceita e utilizada por várias entidades. Em 2003, o governo brasileiro endossou o número ao colocá-lo no Plano Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo. Em 2004, uma delegação brasileira nas Nações Unidas reconheceu também o número de 25 mil como estimativa mínima e, posteriormente, a própria Organização Internacional do Trabalho. Outras estimativas apareceram, como a de 40 mil ou 100 mil trabalhadores nessas condições, mas nenhuma delas foi utilizado pelas principais entidades estatais ou da sociedade civil que atuam no combate a esse crime.

Apesar do esforço estatístico trazido pela Comissão Pastoral da Terra, ele não seguiu normas científicas ou passou por uma atualização. A Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo (Conatrae), que reúne instituições públicas e da sociedade civil para monitorar as políticas públicas contra esse crime no país, parou de utilizar a estimativa da CPT e qualquer outra em 2007.

No ano passado, a OIT ofereceu ao Brasil apoio técnico para o desenvolvimento de uma estimativa do número de escravos no país. Os custos de tal levantamento estão sendo analisados pela Conatrae e o governo brasileiro.

Por outro lado, devido às informações dos trabalhadores colhidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego no momento do resgate, há um perfil traçado de quem é a vítima no Brasil. Por exemplo, no caso de exploração econômica, entre 2003 e 2009, os libertos foram homens (95%), entre 18 e 44 anos (82%), analfabetos ou com até quatro anos de estudo (68%), oriundos de Estados como o Maranhão e o Pará.



□ Sobre o autor

Leonardo Sakamoto é jornalista e doutor em Ciência Política. Cobriu conflitos armados e o desrespeito aos direitos humanos em Timor Leste, Angola e no Paquistão. Professor de Jornalismo na PUC-SP, é coordenador da ONG Repórter Brasil e seu representante na Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo.

Veja abaixo uma convocação que está circulando pela internet nos Estados Unidos:

Escravidão é errado

Você sabe disso. Nós sabemos disso. Como país, sabemos disso oficialmente desde 1863 [nos Estados Unidos; no Brasil, desde 1888]. Mas talvez você não saiba – a escravidão continua existindo. Queremos que todo homem, mulher e criança saibam que há 27 milhões de homens, mulheres e crianças, iguais a eles, vivendo nas sombras. Em prostíbulos. Em fábricas. Em minas. Trabalhando como escravos. Em 161 países. Incluindo o nosso. Estamos aqui para lançar luz sobre a escravatura. Chega de servidão. Chega de tráfico sexual. Chega de trabalho infantil. Chega! Começando agora. Acabe com isso; junte-se ao movimento: <https://www.facebook.com/ENDITMovement>
<http://enditmovement.com/>

Estatísticas

Quando você pensa em escravidão, se é que você pensa em escravidão, provavelmente você a associa ao tráfico sexual. E por uma boa razão. Oito entre dez casos de tráfico humano envolvem a indústria do sexo, de um modo ou outro. Os outros dois casos abrangem tráfico para o trabalho: pessoas sendo obrigadas a trabalhar em condições sub-humanas em fábricas, fazendas e negócios informais no mundo todo.

27 milhões: Esse é o total de escravos no mundo. Pare um instante para deixar cair a ficha. Essa é a população da Geórgia e da Flórida somadas. É a população da área metropolitana de Nova York. Há mais escravos no mundo hoje do que em qualquer outro momento da história. Um problema que a maioria das pessoas acha que terminou há mais de um século está, na verdade, florescendo como nunca antes.

US\$ 90: Só isso. Pessoas vivas são compradas e vendidas, negociadas e despachadas para nunca voltar, por 90 dólares cada uma, às vezes menos. Comprar uma vida humana custa tanto quanto uma entrada para a primeira fila de um importante jogo de beisebol da liga americana. E, como o valor de mercado do comércio humano é de 32 bilhões de dólares por ano, isso lhe dá uma ideia do tamanho do problema, do ponto de vista meramente humano.

161 países: A escravidão circunda o globo, como registros de tráfico humano em 161 países, seja como origem, seja como centros de trânsito, ou destino. Não é uma surpresa, se você considera que 27 milhões de pessoas estão presas como escravas no mundo hoje em dia. Isso representa mais escravos trabalhando que em qualquer outro período da história registrada. Neste momento. E o problema não é regional. Seu alcance é global. <http://www.polarisproject.org/human-trafficking/international-trafficking>

17.500 por ano: Esse é o número de pessoas traficadas para dentro dos Estados Unidos todos os anos. São quase 48 pessoas por dia, tornando-se escravos num país em que a escravidão foi abolida 150 anos atrás. E a idade média dessas pessoas? 14 anos. Pense nas coisas que você fazia quando era adolescente. Ser explorada sexualmente provavelmente não era uma delas. <http://www.freedomcenter.org/slavery-today/>

80% são mulheres: A escravidão atinge homens e mulheres, mas é muito provável que elas sejam vendidas como escravas. De fato, 80% das vítimas de tráfico humano são mulheres. Aqui nos EUA, estima-se que 5.000 mulheres e meninas são vendidas e estupradas objetivando lucro todos os anos, apenas em Atlanta.

US\$ 32.000.000.000: A “indústria” da escravatura arrecada 32 bilhões de dólares todos os anos. É uma rede subterrânea cuja renda anual é maior que a do Google. http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@ed_norm/@declaration/documents/publication/wcms_081882.pdf

120 segundos: Conte até sessenta. Agora conte de novo. Nesse espaço de tempo, quatro crianças foram vendidas como escravas. Dá 120 por hora. São 28.800 por dia, que podiam estar brincando lá fora. Ou indo à escola. Ou correndo atrás de uma bola. Qual é a soma disso? Mais de 1 milhão de crianças perdendo sua inocência e infância para a escravidão todos os anos. <http://www.innocenceatlanta.org/about/our-story/>

14 cidades: Você acha que a escravidão acabou? Pense de novo. Atlanta é um dos principais centros de difusão da escravidão nos Estados Unidos. Ela está entre as 14 cidades com mais incidência de prostituição infantil nos EUA. É verdade que há outras 13 cidades americanas mais escravidão, e provavelmente muitas outras com menos. Especialmente se você pensa que 17.500 são traficadas para dentro dos Estados Unidos todos os anos.

200.000: A maioria das pessoas acha que a escravidão nos Estados Unidos acabou com a Guerra Civil. Porém neste exato momento, enquanto você lê isto, há por volta de 200.000 escravos trabalhando nos EUA. E mais de 17.000 serão trazidos ano que vem.

50% são crianças: Entre 600.000 e 800.000 pessoas são traficadas através de fronteiras internacionais a cada ano. E em torno de metade delas são crianças. A cada minuto de cada dia, duas crianças – crianças que deveriam estar brincando e aprendendo e se divertindo no período mais precioso da sua vida – são vendidas como escravas.

http://www.antislavery.org/english/slavery_today/forced_labour.aspx

US\$ 0 para ajudar: Não lhe custa nada envolver-se. Você pode lutar pela soltura dos que não podem lutar por si mesmo, adotando a causa e conscientizando as pessoas. Você pode dar dinheiro, se quiser, ou esforço e dedicação. Você pode lutar usando as redes sociais, recorrendo ao governo local ou nacional, mantendo-se atento. Você pode lançar luz sobre a escravidão. Você pode ACABAR COM ELA.

Isso é o que você VÊ.

Isso é o que ACONTECE.

O TRABALHO ESCRAVO ESTÁ MAIS PRÓXIMO DO QUE VOCÊ IMAGINA.

Mais de um século depois da abolição da escravidão nos Estados Unidos, a prática continua sendo utilizada em formas distintas: condições degradantes de trabalho, exploração de migrantes e refugiados, tráfico humano, entre outros. Uma forma de trabalho forçado que pode ser revertida através do alerta ao trabalhador, da conscientização dos empregadores e sindicatos, do denúncia ao órgão competente.

MÍNISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO
www.mpt.gov.br

봉사

제 3 차 브
내
기

사용하지 않는 약기
기증을 기다립니다!

민간기 청년 프로그램을 위한 약기들이
필요합니다.

어떤 약기도 좋습니다.
관악기, 타악기, 현악기 관계없이
기증하실 모든 약기를 환영합니다.

최호영 권도사
#456-7703, 9630-5740

